

Entre o armário e *hashtag*: meme *parceirão de jornada* e humor digital¹

Between the closet and the hashtag: the parceirão de jornada meme and digital humor

Entre el armario y el hashtag: el meme parceirão de jornada y el humor digital

Tiago Augusto RODRIGUES²
Viviane Melo de MENDONÇA³

Resumo

Este artigo analisa a emergência, a circulação inicial e algumas recontextualizações posteriores do meme *parceirão de jornada*, cuja origem remete a uma publicação do governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, em dezembro de 2023. Fundamentado na metodologia de análise de práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano, o estudo investiga de que modo o humor opera como tecnologia política na negociação da visibilidade LGBTQ+ no espaço público digital. A análise evidencia que a ambiguidade constitutiva da publicação original, ao tornar pública uma relação homoafetiva e, simultaneamente, atenuar a nomeação direta da sexualidade, cria condições para a apropriação humorística coletiva do enunciado.

Palavras-chave: Memes; LGBTQ+; X; Redes Sociais; Práticas Discursivas; Humor Digital.

Abstract

This paper analyzes the emergence, initial circulation, and some subsequent recontextualizations of the "parceirão de jornada" meme, which originated from a post by the governor of Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, in December 2023. Based

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

² Mestre em Estudos da Condição Humana pela Universidade Federal de São Carlos (PPGECH/UFSCar). Professor na Universidade Paulista (UNIP), campus Sorocaba. E-mail: tiago.rodrigues43@docente.unip.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-0408-4862>.

³ Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora Titular do Departamento de Ciências Humanas e Educação e Permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana da Universidade Federal de São Carlos (DCHE/PPGECH/UFSCar). E-mail: viviane@ufscar.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1368-1883>.



on the methodology of analyzing discursive practices and the production of meaning in everyday life, the study investigates how humor operates as a political technology in the negotiation of LGBT+ visibility in the digital public space. The analysis shows that the constitutive ambiguity of the original post, by making a same-sex relationship public and simultaneously attenuating the direct naming of sexuality, creates conditions for the collective humorous appropriation of the statement.

Keywords: Memes; LGBT+; X; Social Media; Discursive Practices; Digital Humor.

Resumen

Este artículo analiza el surgimiento, la circulación inicial y algunas recontextualizaciones posteriores del meme "parceirão de jornada", que se originó a partir de una publicación del gobernador de Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, en diciembre de 2023. Con base en la metodología de análisis de prácticas discursivas y la producción de significado en la vida cotidiana, el estudio investiga cómo el humor opera como una tecnología política en la negociación de la visibilidad LGBT+ en el espacio público digital. El análisis muestra que la ambigüedad constitutiva de la publicación original, al hacer pública una relación entre personas del mismo sexo y atenuar simultáneamente la denominación directa de la sexualidad, crea las condiciones para la apropiación humorística colectiva de la declaración.

Palabras clave: Memes; LGBT+; X; Redes Sociales; Prácticas Discursivas; Humor Digital.

Introdução

A expansão das redes sociais digitais transformou profundamente as formas de interação, circulação de sentidos e produção de visibilidade no cotidiano contemporâneo. No Brasil, um dos maiores mercados digitais do mundo, plataformas como o X⁴ e o Instagram não apenas mediam trocas comunicacionais, mas operam como arenas centrais de disputa simbólica, nas quais se articulam afetos, identidades, conflitos políticos e práticas culturais. Para grupos historicamente marginalizados, como a população LGBT+⁵, esses ambientes configuram espaços ambíguos:

⁴ A plataforma X, anteriormente denominada Twitter, é referida neste artigo por seu nome atual. Optou-se por essa forma para acompanhar a mudança de nomenclatura adotada pela empresa, embora o nome anterior ainda apareça em parte da literatura consultada, em documentos institucionais da própria plataforma e em materiais do corpus analisado.

⁵ Ainda que atualmente no movimento social se prefira a sigla LGBTQIAPN+, para possibilitar a fluidez de leitura neste trabalho, optamos pela utilização da sigla LGBT, oficializada na 1ª Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, realizada de 05 a 08 de junho de 2008, em Brasília – DF no Brasil, acrescida do símbolo '+'. Estas siglas são utilizadas para representar aquelas pessoas que de alguma forma não se identificam com a heterossexualidade e/ou com o binarismo de gênero. Estas letras referem-se respectivamente às lésbicas, gays, bissexuais, pessoas trans e travestis, pessoas queer ou que estão se questionando sobre sua sexualidade e gênero, pessoas



simultaneamente potentes para a construção de pertencimento e visibilidade, e atravessados por dinâmicas de controle, normatividade e violência simbólica.

Neste cenário, os memes da internet emergem como objetos culturais privilegiados para a análise das práticas discursivas contemporâneas. Longe de constituírem manifestações triviais ou meramente humorísticas, os memes funcionam como dispositivos de produção e circulação de sentidos, capazes de condensar tensões sociais, políticas e culturais em formatos breves, multimodais e altamente replicáveis. Conforme apontam Shifman (2014) e Chagas (2020; 2024), os memes operam por repetição, variação e ressignificação, sendo produzidos com consciência uns dos outros e mobilizando repertórios compartilhados que permitem tanto a identificação quanto a contestação.

No contexto da cultura digital brasileira, os memes produzidos e apropriados pela população LGBTQ+ ocupam lugar singular. Mobilizando humor, ironia e autocrítica, esses objetos discursivos funcionam como estratégias de negociação da visibilidade e de enfrentamento das normas cis-heteronormativas que organizam o espaço público. O humor, nesse cenário, não se restringe ao entretenimento: ele opera como prática política, capaz de expor contradições, produzir reconhecimento coletivo e construir comunidades afetivas em meio a contextos sociais marcados por exclusão e violência.

Este artigo analisa um caso específico que ganhou ampla circulação nas redes sociais a partir de dezembro de 2023: o meme *parceirão de jornada*. A expressão origina-se de uma publicação do governador do Rio Grande do Sul no período, Eduardo Leite, em homenagem ao seu companheiro, Thalís Bolzan. Na imagem compartilhada em seu perfil no Instagram, reproduzida na Figura 1 abaixo, Leite aparece ao lado do parceiro em um contexto afetivo, acompanhada da legenda *Feliz aniversário, meu parceirão de jornada! Te amo!*. A publicação ganhou ampla repercussão nas redes sociais digitais, sendo apropriada, remixada e ressignificada sobretudo pela comunidade LGBTQ+ na plataforma X.

intersexo, pessoas assexuais e/ou agênero, pansexuais e pessoas não-binárias. A escolha do símbolo ‘+’ adotada tanto pelo movimento social quanto em nossa escrita busca representar e incluir ainda outras categorias políticas e pessoas minorizadas por suas identidades de gênero e/ou sexualidades ainda não contempladas nas siglas aqui apresentadas.

Figura 1 – Publicação original de Eduardo Leite no Instagram (1º de dezembro de 2023).

Fonte: Instagram @eduardoleite (Leite, 2023).

A partir dessa publicação, busca-se compreender como a expressão *parceirão de jornada* foi apropriada e ressignificada na circulação digital, dando origem a um conjunto de memes que mobilizam humor e disputas de sentido. O artigo examina esse processo com base na análise de práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano, atentando para as condições de circulação, repetição, variação e recontextualização do enunciado na plataforma X.

Os memes da internet são compreendidos neste artigo como práticas discursivas situadas, produzidas por processos de repetição, variação e ressignificação. Conforme propõe Shifman (2014), eles constituem conjuntos de itens digitais criados com consciência uns dos outros e transformados colaborativamente por diferentes usuários. Essa perspectiva permite analisar o meme *parceirão de jornada* não como uma peça isolada, mas como um repertório em circulação, cujos sentidos são continuamente atualizados em diferentes contextos.

As redes sociais digitais constituem espaços ambivalentes para a população LGBTQ+, combinando possibilidades de visibilidade, construção de redes de apoio e expressão identitária com a reprodução de violências, preconceitos e normas cis-



heteronormativas (Rodrigues, 2025). Nesse contexto, os memes LGBTQ+ ocupam lugar específico como práticas discursivas que permitem negociar pertencimento, visibilidade e diferença por meio do humor e da ressignificação simbólica. O humor LGBTQ+ na internet brasileira caracteriza-se pela articulação entre ironia, autocrítica e criatividade, operando como forma de elaboração coletiva de experiências marcadas por exclusão e resistência (Lunardi; Burgess, 2020). Ao mobilizar o riso como ferramenta de subversão normativa, os memes produzem espaços de identificação e reconhecimento mútuo, nos quais estereótipos podem ser simultaneamente reiterados, tensionados e deslocados.

Essa ambivalência também se manifesta nas formas de violência que atravessam a circulação digital. Além de agressões explícitas, ameaças e discursos de ódio, a violência LGBTQfóbica pode operar de maneira simbólica, por meio do silenciamento, da deslegitimação de identidades, da ridicularização de corpos e afetos dissidentes e da imposição de formas consideradas aceitáveis de visibilidade. Nesse contexto, tornar pública uma relação homoafetiva não significa necessariamente escapar às normas que regulam a exposição de sexualidades dissidentes. A visibilidade pode ser reconhecida e, simultaneamente, enquadrada por expectativas de respeitabilidade, moderação e adequação institucional.

Ao serem analisados como práticas discursivas, os memes deixam de ser tratados apenas como produtos culturais e passam a ser compreendidos como ações simbólicas que produzem sentidos no cotidiano. A abordagem de análise de práticas discursivas e produção de sentidos (Spink, 2010; 2013; Medrado, 1997; Medrado, Spink, 2013; Medrado; Lyra, 2015) permite focalizar os repertórios interpretativos mobilizados, as posições de sujeito construídas e as negociações simbólicas implicadas em sua circulação, considerando os contextos históricos, tecnológicos e institucionais que atravessam esses objetos. Nesse âmbito, a distinção entre o cômico e o humorístico mostra-se fundamental para compreender os efeitos de sentido produzidos pelos memes analisados. Enquanto o cômico tende a operar pela ridicularização do outro, posicionando o enunciador em relação de superioridade (Fratlicelli, 2023), o humorístico envolve identificação e reconhecimento compartilhado, permitindo que o riso funcione como forma de conexão e crítica social (Eagleton, 2020). Nos memes LGBTQ+, essa distinção adquire centralidade política, uma vez que o humor pode tanto reforçar estigmas quanto operar como instrumento de resistência simbólica e construção de pertencimento.



Este texto concentra-se no meme *parceirão de jornada* por sua capacidade singular de condensar disputas em torno da visibilidade, da normatividade e da política institucional por meio do humor no contexto digital contemporâneo. Ao focalizar um meme específico e sua circulação, o artigo busca contribuir para os estudos da comunicação digital e dos estudos de gênero e sexualidade, demonstrando que os memes constituem arenas privilegiadas para compreender disputas simbólicas contemporâneas em torno da visibilidade LGBTQ+, da política e dos afetos.

Diante disso, este artigo tem como objetivo analisar como o meme *parceirão de jornada* mobiliza práticas discursivas e repertórios interpretativos relacionados à população LGBTQ+, investigando de que maneira o humor opera como instrumento de negociação da visibilidade, de contestação normativa e de construção de pertencimento no ambiente digital contemporâneo. Adota-se como referencial teórico-metodológico a análise de práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano (Spink, 2010; 2013; Medrado, 1997; Medrado, Spink, 2013; Medrado; Lyra, 2015), articulada aos estudos sobre memes (Shifman, 2014; Chagas, 2020; 2024), humor (Eagleton, 2020; Fraticelli, 2023; Gatti, 2023a; 2023b) e sexualidades dissidentes (Sedgwick, 2007).

Após esta introdução, o artigo está organizado da seguinte forma: inicialmente, apresenta-se o percurso metodológico da pesquisa, detalhando a abordagem adotada, os critérios de constituição do corpus, os procedimentos de análise e os cuidados éticos envolvidos. Em seguida, a análise é desenvolvida em três movimentos articulados: a emergência do meme *parceirão de jornada* e a ambiguidade discursiva da expressão; as circulações e os deslocamentos desse repertório em diferentes contextos; e os repertórios políticos e identitários mobilizados nas reapropriações do meme. Posteriormente, discutem-se os resultados à luz das relações entre memes, humor, visibilidade LGBTQ+ e disputas de sentido no ambiente digital contemporâneo. Por fim, as considerações finais retomam os principais achados e destacam as contribuições do estudo para o campo da Comunicação e para os debates sobre humor digital, sexualidades dissidentes e dinâmicas de circulação em plataformas digitais.

Percurso Metodológico

A pesquisa adota abordagem qualitativa e interdisciplinar, fundamentada na metodologia de análise de práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano



(Spink, 2010; 2013; Medrado, 1997; Medrado, Spink, 2013; Medrado; Lyra, 2015), articulada aos estudos sobre memes (Shifman, 2014; Chagas, 2020; 2024; Toth, 2016) e humor (Eagleton, 2020; Fraticelli, 2023; Gatti, 2023a; 2023b). Tal enquadramento metodológico mostrou-se particularmente adequado para a análise de memes, compreendidos aqui como práticas discursivas situadas, atravessadas por processos de circulação, repetição e ressignificação.

Parte-se da compreensão de que a análise de práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano orienta-se pela compreensão de que os significados são produzidos em interações situadas, estando permanentemente sujeitos a negociações, deslocamentos e transformações (Spink, 2010; 2013; Medrado, 1997; Medrado, Spink, 2013; Medrado; Lyra, 2015). Nessa abordagem, os repertórios interpretativos são entendidos como conjuntos de termos, metáforas e figuras de linguagem mobilizados pelos sujeitos para construir sentidos sobre si, sobre o outro e sobre o mundo social.

A coleta de dados foi realizada na plataforma X, escolhida por sua centralidade na circulação de memes e por sua dinâmica de interação em tempo real, que favorece a rápida apropriação e transformação de enunciados. O corpus empírico foi constituído a partir da observação sistemática da timeline pública durante o segundo semestre de 2023, entre 1º de julho e 31 de dezembro, período no qual foram identificados 41 memes relacionados à população LGBTQ+. Esses memes foram organizados como uma coletânea interconectada, privilegiando relações de sentido, recorrências e variações discursivas, e não como unidades isoladas, conforme proposto por Shifman (2014).

Dentro desse conjunto de memes identificados no período analisado, a expressão *parceirão de jornada* destacou-se pela intensidade de sua circulação, pela multiplicidade de variações linguísticas e imagéticas e pela diversidade de registros discursivos mobilizados. Na fase exploratória da pesquisa, realizada por meio de buscas avançadas na plataforma com o uso de descritores específicos e variações de grafia, foram capturadas 248 publicações contendo a expressão ou suas derivações, número que se ampliou para 271 ao incluir reformulações como *parceirão de jorrada*. Essa recorrência e plasticidade semântica, associadas à sua produtividade discursiva e capacidade de gerar variações intertextuais, indicaram que o enunciado operava como matriz memética particularmente produtiva, justificando sua seleção como eixo analítico central neste artigo. O presente artigo, portanto, recorta e



aprofunda a análise desse meme, tomando-o como eixo interpretativo dentro de um corpus mais amplo de memes LGBT+ coletados no segundo semestre de 2023.

Reconhece-se que essa forma de coleta é atravessada por mediações algorítmicas, uma vez que a visibilidade dos conteúdos é condicionada por sistemas de recomendação baseados em interações prévias (Rodrigues, 2025). Tal limitação não é tratada como falha metodológica, mas como característica constitutiva das pesquisas realizadas em ambientes digitais algoritmicamente mediados.

A análise articulou diferentes temporalidades: o tempo longo, relacionado a construções históricas e culturais sedimentadas; o tempo vivido, vinculado aos processos de socialização; e o tempo curto, referente às interações específicas e situadas (Spink, 2013). Essa abordagem foi aplicada aos textos verbais, às imagens, às legendas e aos contextos de circulação dos memes selecionados, considerando-se as vozes convocadas, as posições de sujeito construídas e os efeitos de sentido produzidos em cada enunciado.

O procedimento analítico consistiu na leitura reiterada do corpus, na identificação de regularidades discursivas, na observação das variações linguísticas e imagéticas e na análise das condições de circulação dos memes. Foram examinadas as formas de repetição, deslocamento e ressignificação do enunciado *parceirão de jornada*, bem como os repertórios culturais e afetivos mobilizados em suas reapropriações. Essa análise permitiu compreender como objetos aparentemente triviais operaram como instrumentos de expressão cultural, negociação da visibilidade e resistência simbólica, mobilizando repertórios que vão do humor irônico à crítica social e política.

No que se refere à dimensão ética, a pesquisa baseou-se em conteúdos de acesso público disponibilizados na plataforma X. Considerando-se que parte das publicações analisadas foi produzida por usuários não institucionalizados, optou-se por não identificar perfis individuais nos exemplos discutidos, preservando nomes de usuário e imagens de identificação quando não se tratava de figura pública. A utilização dos materiais seguiu os princípios éticos para pesquisas em ambientes digitais, reconhecendo as especificidades de contextos mediados por algoritmos e a necessidade de cuidado na exposição de sujeitos.

Emergência do meme e ambiguidade discursiva



Ainda que o caso analisado diga respeito a um homem gay em posição institucional, os memes mobilizados em torno do *parceirão de jornada* acionam repertórios culturais, humorísticos e afetivos mais amplos da população LGBTQ+. Trata-se de códigos intracomunitários que extrapolam a experiência da homossexualidade masculina individual, articulando referências compartilhadas, formas específicas de humor e disputas simbólicas que atravessam esse campo social de maneira mais abrangente. Por essa razão, adota-se ao longo do artigo a categoria analítica LGBTQ+, entendida aqui como marcador cultural e político, e não como simples somatório identitário.

Ademais, a emergência do meme ocorre em um contexto politicamente significativo. Eduardo Leite é o primeiro governador brasileiro em exercício a assumir publicamente sua homossexualidade, ocupando posição de destaque no cenário político nacional e representando, para muitos, um marco de visibilidade LGBTQ+ institucional. Ao mesmo tempo, sua trajetória política, marcada por alinhamento a agendas econômicas neoliberais, mobiliza tensões internas à própria comunidade LGBTQ+, que não se reconhece como homogênea em termos de classe, projeto político ou formas de pertencimento. É nesse contexto que a expressão *parceirão de jornada* ganha relevo analítico. Ao mesmo tempo em que afirma publicamente um vínculo homoafetivo, recorre a um vocabulário associado à camaradagem, à parceria e à respeitabilidade, frequentemente utilizado em contextos profissionais ou institucionais. Tal escolha discursiva pode ser lida como estratégia de atenuação da nomeação direta da sexualidade, revelando negociações ainda operantes em torno da visibilidade LGBTQ+ em espaços de poder. É justamente essa tensão entre afirmação e eufemização que se torna matéria-prima para o humor produzido em torno do meme.

A apropriação da expressão pela comunidade LGBTQ+ transforma-a em objeto de riso, ironia e crítica. Por meio de deslocamentos semânticos, erotização explícita, associações políticas e acionamento de estereótipos regionais, os memes derivados de *parceirão de jornada* expõem contradições entre visibilidade, normatividade e aceitabilidade. Nesse processo, o humor funciona como tecnologia discursiva que reinscreve o corpo, o desejo e a sexualidade no espaço público, desafiando expectativas de recato frequentemente impostas às sexualidades dissidentes.

O meme *parceirão de jornada* emerge a partir de uma publicação realizada por Eduardo Leite em dezembro de 2023, em homenagem ao seu companheiro,



Thalis Bolzan. A imagem compartilhada no Instagram apresenta um enquadramento afetivo e íntimo, acompanhado da legenda *Feliz aniversário, meu parceirão de jornada! Te amo!*. A formulação do enunciado chama atenção menos pela afirmação do vínculo homoafetivo em si do que pela escolha lexical que o descreve. O termo *parceirão*, associado a registros de camaradagem, parceria profissional ou cumplicidade informal, desloca a relação amorosa para um campo semântico marcado pela neutralidade afetiva e pela respeitabilidade pública.

Essa escolha discursiva produz uma ambiguidade central para a compreensão do fenômeno analisado. Ao mesmo tempo em que a postagem torna pública uma relação homoafetiva, ela evita a nomeação direta da sexualidade, mobilizando um vocabulário compatível com expectativas institucionais e normativas. Tal ambiguidade atua como gatilho para a apropriação coletiva do enunciado, abrindo espaço para deslocamentos semânticos, ironizações e ressignificações que caracterizam a circulação do meme.

A emergência do meme, portanto, não pode ser compreendida apenas como reação à visibilidade de um político gay, mas como resposta a uma forma específica de visibilidade, percebida como mediada, atenuada ou negociada. É nesse intervalo entre afirmação e contenção que o humor encontra terreno fértil para operar.

A circulação inicial da publicação de Eduardo Leite no X não se deu de forma homogênea ou consensual. Antes mesmo da consolidação do meme *parceirão de jornada*, a postagem passou a ser objeto de disputas explícitas de sentido, mobilizando diferentes posições discursivas que revelam tensões em torno da visibilidade LGBTQ+ no espaço público digital. A migração do conteúdo do Instagram para o X intensificou esse processo, uma vez que a plataforma favorece interações marcadas pelo confronto, pela ironia e pela rápida circulação de comentários críticos.

Entre as respostas observadas, é possível identificar ao menos três posições recorrentes. A primeira corresponde a enunciados de defesa do governador, nos quais a postagem é celebrada como gesto corajoso, representativo e positivo para a visibilidade LGBTQ+. Nesses discursos, a escolha lexical é frequentemente relativizada ou naturalizada, sendo interpretada como expressão legítima de afeto ou como estratégia pessoal de comunicação. A crítica à forma da postagem é, nesses casos, enquadrada como excesso de militância ou como cobrança indevida sobre a vida privada de um agente público.

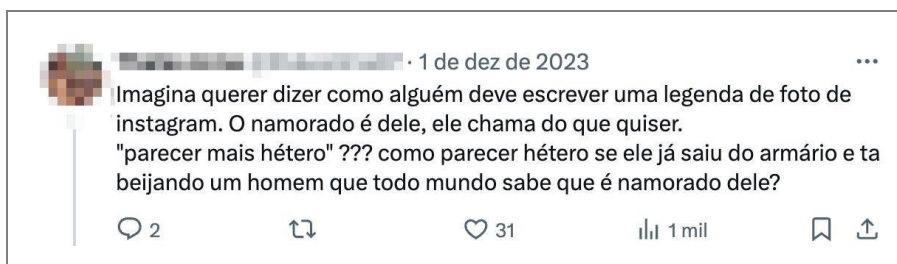


Uma segunda posição manifesta-se por meio de críticas argumentativas e relativamente diretas à escolha da expressão *parceirão de jornada*. Nesses enunciados, o foco recai sobre o sentido político da formulação e sobre o que é percebido como atenuação da nomeação da sexualidade. A crítica questiona se a publicação, embora torne pública a relação homoafetiva, também preserva uma linguagem de respeitabilidade institucional que evita confrontar de modo mais explícito à heteronormatividade. Nesse caso, o questionamento permanece concentrado no plano da argumentação: procura avaliar a forma de visibilidade construída pela postagem e suas implicações políticas, sem necessariamente convertê-la em uma peça humorística ou em um novo enunciado memético.

Uma terceira posição surge quando essa crítica é deslocada para o registro da ironia, da paródia e da reapropriação humorística. Em vez de apenas afirmar que a expressão suaviza ou neutraliza a dimensão sexual da relação, esses enunciados exploram a própria ambiguidade do termo *parceirão de jornada*, submetendo-o a alterações lexicais, associações eróticas, montagens visuais e aplicações a outros contextos. A diferença, portanto, não está somente no conteúdo da crítica, mas no modo de enunciação e no procedimento discursivo empregado: a segunda posição argumenta sobre os limites políticos da visibilidade apresentada; a terceira transforma esses limites em matéria-prima para o humor e para a circulação memética. É essa passagem da crítica explícita à reconfiguração irônica que prepara o terreno para a emergência do meme, processo que pode ser compreendido à luz da análise de práticas discursivas e dos estudos sobre repetição, variação e recontextualização dos memes (SPINK, 2013; SHIFMAN, 2014; CHAGAS, 2020). As disputas descritas podem ser observadas nos comentários reunidos na Figura 2, a seguir.

Figura 2 – Compilado com capturas de tela de comentários na rede social X sobre a publicação de Leite





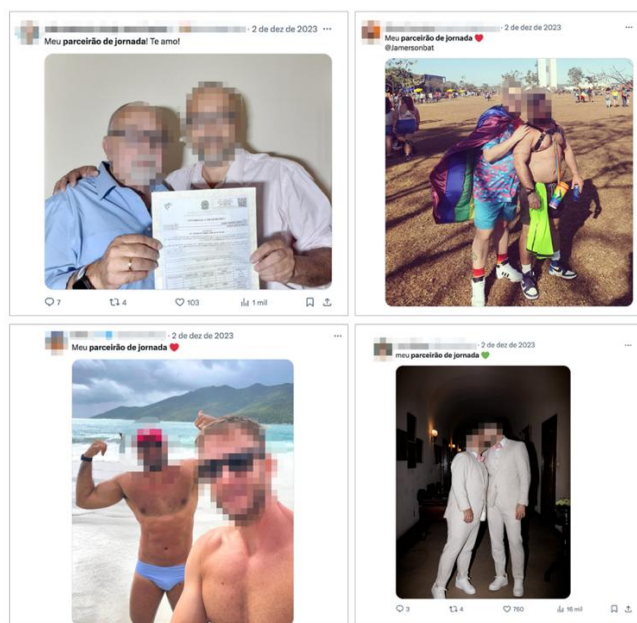
Fonte: Rodrigues, 2025, a partir de captura de tela do X.

Essas disputas evidenciam que o meme *parceirão de jornada* não emerge como simples derivação espontânea da postagem, mas como resposta situada a um campo de tensões já em curso. O humor, nesse contexto, não inaugura o conflito, mas o reconfigura discursivamente, deslocando-o do registro argumentativo direto para uma arena simbólica em que a crítica se expressa por meio da ironia, da erotização e da ressignificação coletiva. Assim, a análise da recepção inicial da postagem permite compreender o meme como etapa posterior de um processo mais amplo de negociação de sentidos, no qual visibilidade, política e afetos são permanentemente disputados.

Circulações e deslocamentos do repertório *parceirão de jornada*

A circulação do meme intensifica-se sobretudo na plataforma X, onde a expressão *parceirão de jornada* passa a ser apropriada pela comunidade LGBTQ+ em diferentes registros. Para além de apropriações irônicas e críticas, o repertório *parceirão de jornada* também passou a circular em registros afirmativos e afetivos, especialmente em postagens de casais gays que se apropriaram da expressão para nomear publicamente suas relações, como pode ser observado na Figura 3, apresentada abaixo.

Figura 3 - Compilado com capturas de tela do meme analisado

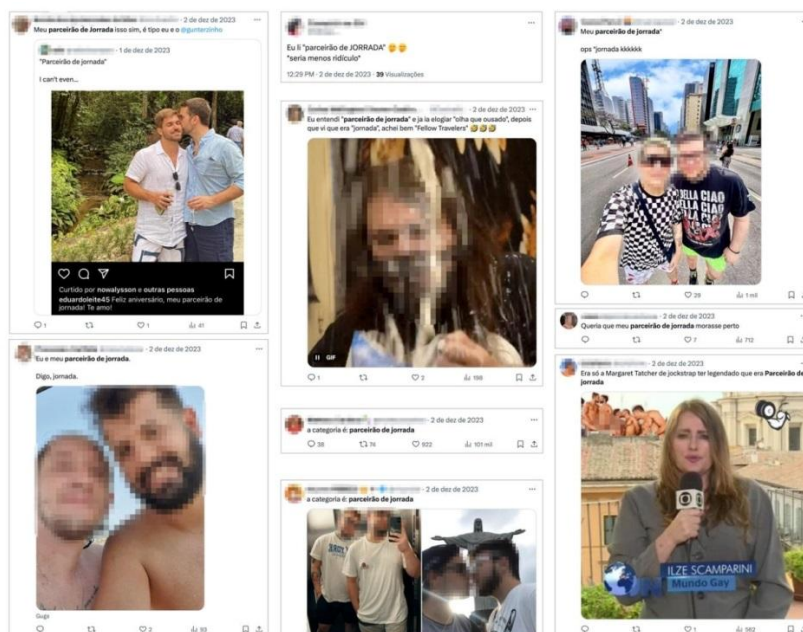


Fonte: Rodrigues, 2025, a partir de captura de tela no X.

Nesse uso, a expressão deixa de operar apenas como comentário sobre a visibilidade institucional de um agente político e passa a funcionar como marcador de pertencimento, intimidade e reconhecimento mútuo. Trata-se de um processo no qual o enunciado se estabiliza como fórmula memética reaplicável, característica de memes que, segundo Chagas (2020; 2024) e Toth e Chagas (2016), adquirem força justamente por sua capacidade de adaptação a múltiplos contextos e usos. A circulação afirmativa do *parceirão de jornada* evidencia, assim, sua plasticidade semântica e seu enraizamento em repertórios afetivos compartilhados, o que contribui para sua ampla circulação e reconhecimento no X.

Ao lado desses usos afirmativos, a expressão passa a ser mobilizada em registros humorísticos que exploram de forma direta as ambiguidades do enunciado original, deslocando-o para o campo da ironia, da erotização e da crítica. Um dos deslocamentos mais recorrentes consiste na transformação da palavra *jornada* em *jorrada*, conforme observado na Figura 4, produzindo uma erotização explícita do enunciado inicial. Esse gesto humorístico rompe com o tom de respeitabilidade da postagem original e reinscreve o desejo sexual no centro da cena discursiva.

Figura 4 - Compilado de publicações com *parceirão de jorrada*



Fonte: Rodrigues, 2025, a partir de capturas de tela no X.

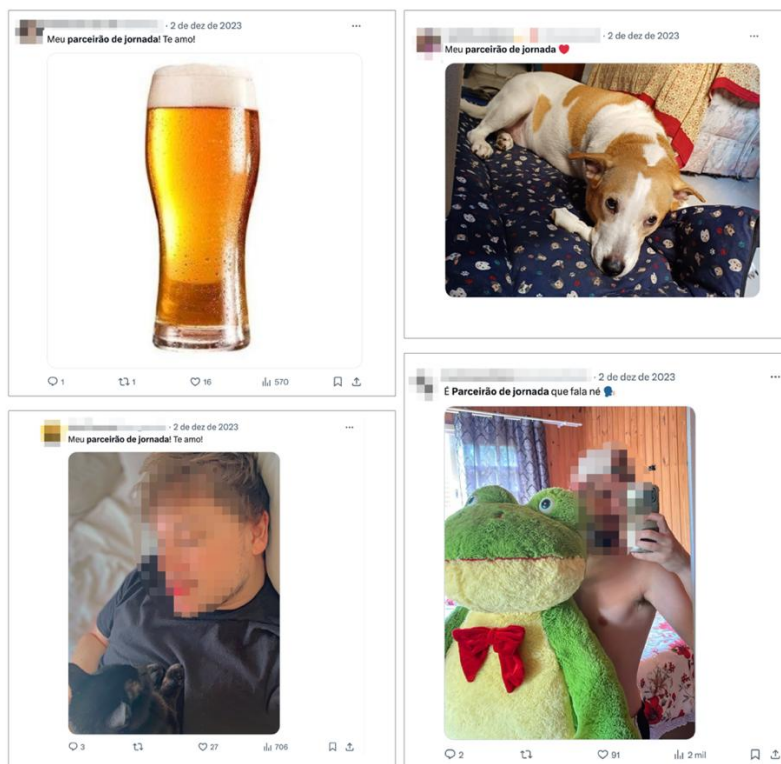
A alteração semântica não opera apenas como trocadilho, mas como estratégia de exposição daquilo que foi suavizado ou silenciado no enunciado original. Ao explicitar o erotismo, o meme tensiona normas implícitas que regulam quais formas de afeto e sexualidade são consideradas aceitáveis no espaço público, especialmente quando associadas a figuras institucionais. O riso emerge, nesse contexto, como resposta coletiva à contenção discursiva, funcionando como mecanismo de desestabilização das fronteiras entre intimidade, política e visibilidade.

Essa dimensão é importante porque a violência simbólica não se manifesta apenas quando a sexualidade dissidente é explicitamente atacada. Ela também pode operar quando determinados modos de expressão são desqualificados, apagados ou considerados inadequados para a esfera pública. Ao transformar *jornada* em *jorrada* e deslocar a expressão para o campo do erotismo, os memes tensionam justamente os limites impostos à nomeação do desejo e à exposição de corpos e afetos LGBT+. O humor, nesse caso, não elimina a violência que atravessa esses regimes de visibilidade, mas produz uma resposta discursiva capaz de evidenciar e contestar suas formas mais sutis.

Além da erotização, outros usos do meme ampliam seu campo de aplicação, associando a expressão *parceirão de jornada* a relações não românticas, objetos cotidianos, práticas de consumo ou situações irônicas, como pode ser observado na Figura 5, abaixo. Essa ampliação evidencia a plasticidade do meme e sua capacidade

de operar como fórmula discursiva reaplicável, cuja força reside menos na referência ao evento original e mais na possibilidade de reconhecimento compartilhado entre os participantes da interação.

Figura 5 - Compilado com *parceirões de jornada* alternativos



Fonte: Rodrigues, 2025, a partir de capturas de tela no X.

Essas apropriações reiteram que o humor mobilizado não se limita à ridicularização do enunciador original, mas constrói espaços de identificação e pertencimento, nos quais o riso funciona como linguagem comum e marcador comunitário. O meme passa a operar como código cultural que circula entre sujeitos que compartilham repertórios afetivos, experiências de marginalização e referências simbólicas.

Repertórios políticos e identitários mobilizados

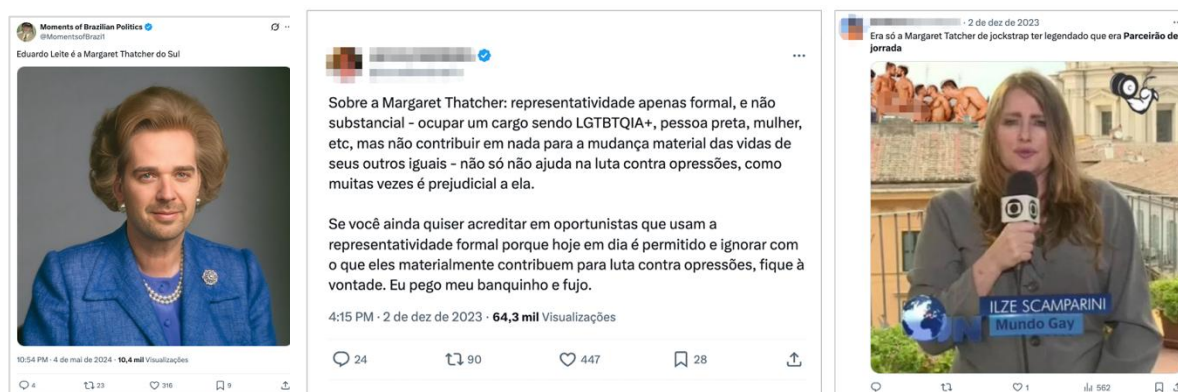
À medida que o meme se consolida, passam a emergir apropriações que articulam humor e crítica política de modo mais explícito. Entre elas, destacam-se aquelas que associam Eduardo Leite a estereótipos regionais ligados à identidade gaúcha, historicamente marcada por ideais de virilidade, bravura e masculinidade heteronormativa. A justaposição entre o gaúcho macho e a homossexualidade



assumida do governador produz efeito cômico baseado na incongruência entre expectativas culturais sedimentadas e identidades dissidentes.

Esses usos não apenas exploram o contraste, mas tensionam os limites simbólicos da masculinidade regional, evidenciando seu caráter construído e performativo. O humor opera, nesse caso, como ferramenta de desfamiliarização, no sentido proposto por Spink e Frezza (2013), ao tornar estranhas construções simbólicas naturalizadas e expor a historicidade e contingência de normas que se pretendem evidentes.

Outro conjunto de publicações (Figura 6) associa Eduardo Leite à figura de Margaret Thatcher, ex-primeira-ministra do Reino Unido. No debate político, Thatcher é frequentemente mobilizada como referência de políticas neoliberais e de austeridade, aspectos discutidos por Brown (2019). A associação entre essa imagem e Eduardo Leite também retoma críticas contemporâneas às políticas implementadas no Rio Grande do Sul, relacionadas por Lucena (2024) à expansão de agendas neoliberais e aos impactos sociais produzidos no estado.

Figura 6 – Compilado com memes que comparam Eduardo Leite à Margaret Thatcher

Fonte: Rodrigues, 2025, a partir de capturas de tela no X.

Na primeira publicação da compilação apresentada na Figura 6, Eduardo Leite é visualmente associado à Margaret Thatcher por meio de uma fotomontagem que preserva o corpo, o cabelo, as roupas e a pose associados à ex-primeira-ministra britânica, substituindo apenas seu rosto pelo do governador. A composição não produz uma simples comparação verbal entre os dois políticos. Ao fundir o rosto de Leite à imagem corporal de Thatcher, a montagem constrói uma figura híbrida, na qual a identidade pública do governador é visualmente incorporada ao repertório político e estético associado à ex-primeira-ministra. O efeito humorístico decorre justamente dessa sobreposição entre reconhecimento e deslocamento: o corpo continua remetendo a Thatcher, enquanto o rosto identifica Eduardo Leite.

Na segunda publicação, a crítica se concentra na ideia de uma representatividade LGBT apenas formal, sem necessariamente produzir mudanças materiais na vida de outros grupos minorizados. O texto questiona a possibilidade de que a ocupação de um cargo por uma pessoa pertencente a um grupo minorizado seja tomada, por si só, como evidência de transformação social. A publicação desloca a discussão da representatividade individual para seus efeitos políticos e materiais, sugerindo que a presença de uma pessoa LGBT em uma posição institucional não implica automaticamente compromisso com projetos de enfrentamento às desigualdades.

Na terceira publicação, a montagem com Ilze Scamparini desloca esse mesmo conjunto de sentidos para o registro da erotização e da mediação jornalística. Na imagem, a jornalista aparece com a identificação Ilze Scamparini e a legenda Mundo Gay, como se estivesse realizando uma entrada jornalística para apresentar ao público os bastidores e as novidades desse universo. A graça decorre da



transformação de uma repórter, reconhecida por mediar informações sobre acontecimentos internacionais, em uma espécie de correspondente do mundo gay. A imagem desloca, portanto, a autoridade informativa do telejornalismo para um repertório homoerótico, como se Ilze pudesse apresentar e interpretar acontecimentos desse universo para o público.

Em algumas versões, a associação entre Leite e Thatcher é acompanhada da expressão *Margaret Thatcher de jockstrap*⁶. O termo *jockstrap*, peça íntima de uso esportivo também associada a uma estética homoerótica em determinados contextos, introduz uma dimensão corporal e sexual na comparação. O humor resulta da justaposição entre Thatcher como símbolo de austeridade e o *jockstrap* como marcador de erotização e masculinidade gay. A montagem produz, assim, uma crítica simultaneamente política e sexual, sugerindo que a visibilidade LGBT de Leite não implica automaticamente compromisso com políticas progressistas ou redistributivas.

A publicação com Ilze também se articula à expressão *parceirão de jorrada*. O enunciado retoma simultaneamente a associação de Eduardo Leite a Thatcher, a referência ao *jockstrap* e a transformação de jornada em jorrada. A legenda condensa, em uma única formulação, crítica política, erotização e trocadilho, enquanto a imagem de Ilze acrescenta a ideia de que esse conteúdo estaria sendo apresentado ou noticiado por uma correspondente do *Mundo Gay*. O humor emerge, assim, da sobreposição de repertórios relacionados ao telejornalismo, à política institucional, ao neoliberalismo, à erotização e à cultura LGBT.

Em conjunto, essas três publicações articulam uma crítica à ideia de que a visibilidade LGBT institucional seria, por si só, indicativa de transformação social. A associação entre Leite e Thatcher mobiliza o imaginário do neoliberalismo e da austeridade para questionar os efeitos materiais de uma representatividade restrita ao plano simbólico. A inclusão do *jockstrap* introduz uma dimensão sexual e corporal nessa crítica, enquanto a montagem com Ilze Scamparini, conforme indicado na imagem, desloca o debate para o registro da mediação jornalística e da espetacularização do *mundo gay*. Dessa forma, o humor não apenas comenta a

⁶ O *jockstrap*, também conhecido como saqueira ou suporte atlético, é uma peça de roupa íntima originalmente criada no século XIX para uso esportivo, posteriormente apropriada pela cultura gay a partir da década de 1950 como elemento de estética homoerótica.



trajetória política de Eduardo Leite, mas problematiza as condições sob as quais certas formas de visibilidade LGBT são tornadas aceitáveis no espaço público.

Em termos formais, as três publicações mantêm relações de repetição e variação, pois retomam um repertório reconhecível e o recontextualizam por meio de diferentes legendas e enquadramentos. Essa dinâmica corresponde à compreensão dos memes como conjuntos de itens relacionados, e não como peças isoladas. Para Shifman (2014), os memes da internet constituem grupos de objetos digitais que compartilham características de conteúdo, forma e postura, sendo criados, transformados e compartilhados por diferentes usuários. Chagas (2020) também ressalta que os memes participam da produção de sentidos na cultura digital e podem condensar questões políticas e sociais em formatos breves, humorísticos e facilmente reaproveitáveis.

Quanto à intencionalidade, as publicações se aproximam dos memes de discussão pública, uma vez que mobilizam montagens humorísticas para comentar criticamente a relação entre representatividade LGBT, posicionamento político e visibilidade institucional. Conforme a classificação de Toth e Chagas (2016), esse tipo de meme pode funcionar como peça bem-humorada, crítica ou irônica, reapropriada em diferentes contextos e grupos sociais.

A circulação do repertório *parceirão de jornada* não se encerra no episódio envolvendo Eduardo Leite. Posteriormente, a expressão reaparece em outros contextos midiáticos e políticos, como nas interações públicas amplamente memetizadas entre Luiz Inácio Lula da Silva e Emmanuel Macron, como observado na Figura 7, evidenciando sua incorporação ao vocabulário humorístico da esfera pública digital. Esse deslocamento indica que o enunciado deixa de funcionar apenas como referência a um caso específico e passa a operar como fórmula discursiva reconhecível, disponível para novas apropriações e ressignificações, o que reforça sua relevância analítica para a compreensão das dinâmicas contemporâneas de humor, política e visibilidade.

Figura 7 – Lula e Macron sendo chamados de *parceirões de jornada*

Fonte: elaboradas pela autoria a partir de capturas de tela no X, 2026.

Esse conjunto de memes permite observar como o enunciado *parceirão de jornada* se desloca de um registro de identificação afetiva para operar como recurso de recontextualização discursiva. Ao associar líderes políticos a um imaginário homoerótico, os memes não apenas produzem humor, mas tensionam sentidos sedimentados sobre masculinidade, autoridade e alinhamento ideológico. A fórmula memética funciona, assim, como espaço de negociação simbólica, no qual repertórios intracomunitários LGBTQ+ são mobilizados e reinscritos em disputas mais amplas sobre visibilidade, política econômica e pertencimento. Nesse movimento, o humor atua como prática discursiva que expõe a contingência dos sentidos e evidencia a instabilidade das categorias identitárias quando atravessadas por contextos específicos de circulação.

Memes LGBTQ+, visibilidade e disputas de sentido no presente

O humor é uma tecnologia política que opera no cotidiano, não apenas como forma de expressão cultural, mas como prática discursiva capaz de produzir deslocamentos simbólicos e tensionar normas sociais em circulação. Em diálogo com Eagleton (2020), Gatti (2023a; 2023b) e Fraticelli (2023), entende-se que o humor, ao mobilizar ambiguidade, ironia e exagero, cria fissuras nos discursos hegemônicos,



permitindo que contradições sociais e políticas sejam tornadas visíveis em registros discursivos que escapam à solenidade institucional.

À luz dessa chave de leitura, o meme *parceirão de jornada* pode ser compreendido como prática discursiva que negocia regimes de visibilidade LGBTQ+ no espaço público digital, articulando humor, política e afetos em torno da figura de um agente institucional. É a partir desse enquadramento que se analisa a publicação original de Eduardo Leite e as ressignificações produzidas em sua circulação.

A publicação original de Eduardo Leite inscreve-se em um regime de visibilidade cuidadosamente mediado. Ao assumir publicamente seu relacionamento homoafetivo, o governador produz gesto político relevante, mas o faz por meio de uma linguagem afetiva que atenua a nomeação direta da sexualidade, recorrendo a repertório compatível com expectativas heteronormativas e institucionais. A expressão *parceirão de jornada* funciona, nesse sentido, como operador discursivo ambíguo: afirma o vínculo, mas o desloca para um campo semântico associado à camaradagem, à parceria profissional e à respeitabilidade pública.

Essa forma de visibilidade pública não se apresenta como gesto neutro ou plenamente emancipatório, mas como prática atravessada por negociações discursivas que modulam o modo como a sexualidade é tornada visível. Conforme sugere a epistemologia do armário (Sedgwick, 2007), a visibilidade não implica necessariamente a superação do silenciamento, podendo operar por meio de estratégias que afirmam a diferença ao mesmo tempo em que a enquadram em registros discursivos socialmente aceitáveis. No caso analisado, a escolha lexical que descreve o vínculo afetivo aponta para um regime de visibilidade que torna pública a relação homoafetiva, mas preserva zonas de ambiguidade que limitam o tensionamento direto das normas institucionais e morais em circulação.

Essa ambiguidade não passa despercebida pela comunidade LGBTQ+, que rapidamente se apropria da expressão e a reinscreve em registros humorísticos diversos. O meme opera, assim, como resposta coletiva a uma visibilidade percebida como incompleta ou negociada, explorando justamente a tensão entre o que é dito e o que permanece implícito. À luz da epistemologia do armário, proposta por Sedgwick (2007), pode-se compreender o meme como prática que não nega o armário, mas o expõe como estrutura ainda operante, produtiva e contraditória no presente.

O humor desempenha papel central nesse processo. A transformação de jornada em jorrada explicita dimensão sexual que a linguagem institucional tende a



velar, deslocando o discurso da respeitabilidade para o campo do erotismo e da ironia. Esse gesto humorístico não se limita ao escárnio ou à provocação gratuita: ele funciona como tecnologia política que reinscreve o corpo, o desejo e a sexualidade no espaço público, recusando a exigência de assepsia afetiva frequentemente imposta às pessoas LGBT+ em posições de poder.

Nesse ponto, a distinção entre o cômico e o humorístico revela-se analiticamente produtiva. Ao contrário do riso que rebaixa ou estigmatiza, o humor mobilizado no meme estabelece relação de identificação entre enunciadores e enunciatários, criando comunidade de sentido baseada no reconhecimento compartilhado de códigos, referências e experiências. Rir do *parceirão de jornada* é, simultaneamente, rir da norma e rir de si, gesto que fortalece laços comunitários e produz pertencimento.

A circulação ampliada do meme, aplicada a objetos, hábitos, relações não românticas e figuras públicas, reforça esse caráter polissêmico. Cada nova apropriação reinscreve o meme em outro contexto, deslocando seus sentidos e evidenciando que a produção de significados não é estática, mas continuamente negociada nas interações digitais. Trata-se de processo que ilustra, de forma exemplar, a noção de produção de sentidos como diálogo permanente entre repertórios antigos e novos, atravessado por relações de poder, afeto e historicidade.

A associação do meme a estereótipos regionais acrescenta outra camada à disputa de sentidos em torno da figura de Eduardo Leite. Nas piadas analisadas por Possenti (2013), o imaginário do gaúcho é frequentemente organizado em torno de atributos como macheza, valentia, rudeza e masculinidade. Entretanto, esse mesmo repertório pode ser invertido pelo humor, produzindo a figura do gaúcho veado como simulacro do gaúcho macho. Possenti (2013, p. 41-45) interpreta esse estereótipo como uma identidade atribuída pelo outro e construída a partir da oposição ao estereótipo regional dominante.

A circulação de memes que relacionam Eduardo Leite, sua identidade homossexual e sua origem gaúcha mobiliza justamente essa tensão entre a masculinidade regional tradicionalmente associada à virilidade e uma identidade sexual que desestabiliza a heteronormatividade pressuposta nesse imaginário. O efeito humorístico não decorre simplesmente da oposição entre ser gaúcho e ser gay, mas da rearticulação de discursos historicamente associados ao gauchismo: de um lado, a imagem do homem viril, corajoso e heterossexual; de outro, a apropriação



jocosa do avesso dessa imagem. Nesse processo, o meme torna visível que a masculinidade regional não constitui uma essência estável, mas uma construção discursiva sujeita a disputas, deslocamentos e reinterpretações.

A operação humorística, portanto, não deve ser compreendida como simples reprodução do estereótipo homofóbico. Ao retomar e deslocar um repertório historicamente utilizado para ridicularizar a homossexualidade, os memes podem tanto reiterar a associação depreciativa entre homossexualidade e desvio da masculinidade quanto expor a artificialidade do próprio ideal de masculinidade regional. A ambivalência é constitutiva desse funcionamento: o mesmo enunciado pode reforçar uma hierarquia entre masculinidades ou, dependendo de sua circulação e de sua posição enunciativa, transformar essa hierarquia em objeto de ironia e crítica.

De modo semelhante, os memes que associam Eduardo Leite à imagem de Margaret Thatcher, incorporando elementos homoeróticos como o *jockstrap*, condensam crítica política e sexual em um mesmo gesto. Ao justapor neoliberalismo, austeridade e erotização, esses memes evidenciam que a visibilidade LGBTQ+ não é, por si só, sinônimo de políticas progressistas ou redistributivas. O humor, nesse caso, funciona como forma de crítica intracomunitária, recusando leituras celebratórias simplificadoras e expondo contradições entre identidade sexual e posicionamento político-econômico.

Esses usos do meme revelam que a comunidade LGBTQ+ não constitui bloco homogêneo, mas campo atravessado por disputas internas de sentido, valores e projetos de sociedade. O meme *parceirão de jornada* torna-se, assim, dispositivo que permite tanto a celebração da visibilidade quanto a crítica às formas de homonormatividade e neoliberalismo inclusivo, demonstrando que o humor pode operar simultaneamente como afeto, resistência e dissenso.

Considerações Finais

Este artigo analisou o meme *parceirão de jornada* como prática discursiva situada, demonstrando como objetos culturais aparentemente efêmeros operam como arenas de negociação simbólica no ambiente digital contemporâneo. A análise mostrou que a expressão cunhada por Eduardo Leite se articula a um regime de visibilidade marcado pela tensão entre afirmação identitária e exigências de aceitabilidade institucional. Sua apropriação humorística pela comunidade LGBTQ+



evidencia como o humor pode funcionar como tecnologia política capaz de expor, tensionar e reconfigurar os limites do armário no presente. Ao transformar jornada em jorrada e aplicar a expressão a contextos inesperados, os memes reinscrevem o desejo e o corpo no espaço público, recusando silenciamentos historicamente impostos às sexualidades dissidentes.

Do ponto de vista teórico, o artigo contribui para os estudos sobre memes ao articulá-los à metodologia de análise de práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano, demonstrando a potência dessa abordagem para compreender fenômenos da cultura digital. Os memes emergem, nesse enquadramento, não como textos isolados, mas como práticas situadas, atravessadas por historicidade, relações de poder e disputas simbólicas.

No campo dos estudos de gênero e sexualidade, o trabalho evidencia que a visibilidade LGBTQ+ contemporânea é atravessada por ambivalências. A figura de Eduardo Leite, político gay, gaúcho e alinhado a agendas neoliberais, condensa contradições centrais do liberalismo sexual, no qual reconhecimento simbólico pode coexistir com agendas econômicas excludentes. Os memes analisados revelam que a comunidade LGBTQ+ não apenas consome essa visibilidade, mas a interroga criticamente, utilizando o humor como ferramenta de resistência, pertencimento e dissenso.

Metodologicamente, a pesquisa aponta para a relevância de abordagens qualitativas sensíveis à circulação, à repetição e à transformação dos objetos digitais, especialmente em contextos mediados por algoritmos. Embora o recorte temporal e empírico limite generalizações mais amplas, o estudo oferece pistas importantes para investigações futuras sobre a relação entre humor, política e sexualidade nas redes sociais digitais.

Por fim, em um contexto brasileiro marcado por persistentes violências LGBTQfóbicas e pelo avanço de discursos conservadores, compreender o papel dos memes como formas de resistência e disputa simbólica torna-se tarefa ética e política. Longe de sua aparência trivial, os memes analisados revelam formas criativas de enfrentar normas, negociar visibilidade e construir comunidades afetivas. O *parceirão de jornada*, ao circular e se transformar, aponta para a capacidade da cultura digital de produzir fissuras nas estruturas normativas que organizam afetos, corpos e possibilidades de existência no presente.



Referências

- BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo:** a ascensão da política antidemocrática no Ocidente. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.
- CHAGAS, Viktor (Org.). **A cultura dos memes:** aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital. Salvador: Edufba, 2020.
- CHAGAS, Viktor (Org.). **A cultura dos memes no Brasil:** agendas e desafios de pesquisa sobre uma das únicas instituições que se mantêm de pé no país. Salvador: Edufba, 2024.
- EAGLETON, Terry. **Humor:** o papel fundamental do riso na cultura. Tradução: Alessandra Bonrruquer. Rio de Janeiro: Record, 2020.
- FRATICELLI, Damián. **El Humor Hipermediático:** uma nueva era de la mediatización reidera. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Teseo, 2023.
- GATTI, Márcio Antônio. Memes e o recorte cômico do início da pandemia de covid-19. In: POSSENTI, Sírio; CARMELINO, Ana Cristina; MUNIZ, Cellina Rodrigues; GATTI, Márcio Antônio; RAMOS, Paulo. (Org.). **Humor e pandemia:** riso e resistência. São Paulo: Noir, 2023. p. 71-86.
- GATTI, Márcio Antônio. Humor numa hora dessas? Autoderrisão e deboche em memes sobre pandemia e economia. In: POSSENTI, Sírio; CARMELINO, Ana Cristina; MUNIZ, Cellina Rodrigues; GATTI, Márcio Antônio; RAMOS, Paulo. (Org.). **Humor e pandemia:** riso e resistência. São Paulo: Noir, 2023. p. 87-104.
- LEITE, Eduardo. **Feliz aniversário, meu parceirão de jornada! Te amo!** [Instagram]. 1 dez. 2023. 1 publicação. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CoUi2dorBFf/>. Acesso em: 1º dez. 2023.
- LUCENA, Eleonora de. **Extrema direita e neoliberalismo matam e ampliam destruição no RS.** Folha de S. Paulo, São Paulo, 25 maio 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2024/05/extrema-direita-e-neoliberalismo-matam-e-ampliam-destruicao-no-rs.shtml>. Acesso em: 28 jan. 2025.
- LUNARDI, Gabriela Monteiro; BURGESS, Jean. É zoeira: as dinâmicas culturais do humor brasileiro na internet. In: CHAGAS, Viktor (Org.). **A cultura dos memes:** aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital. Salvador: Edufba, 2020.
- MEDRADO, Benedito. **O masculino na mídia:** repertórios sobre masculinidade na propaganda televisiva brasileira. 1997. 148 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.
- MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Entrevistas e outros textos: compartilhando estratégias de análise qualitativa. In: LANG, Charles Elias; BERNARDES, Jefferson de Souza; RIBEIRO, Maria Auxiliadora Teixeira; ZANOTTI, Susane Vasconcelos (org.). **Metodologias:** pesquisas em saúde, clínica e práticas psicológicas. Maceió: EDUFAL, 2015. p. 85-118.



MEDRADO, Benedito; SPINK, Mary Jane. Produção de sentido no cotidiano: Uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, Mary Jane (org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**: aproximações teóricas e metodológicas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013. p. 22-30.

RODRIGUES, Tiago Augusto. **Parceirão de que jornada?** Memes LGBT+ e humor no Twitter/X em 2023. 2025. Dissertação (Mestrado em Estudos da Condição Humana) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2025. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/20.500.14289/21997>.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, n. 28, p. 19-54, jan./jun. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/hWcQckryVj3MMbWsTF5pnqn>. Acesso em: 27 dez. 2024.

SHIFMAN, Limor. **Memes in digital culture**. Cambridge: The MIT, 2014.

SPINK, Mary Jane. **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. E-book. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/w9q43/pdf/spink-9788579820465.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2024.

SPINK, Mary Jane (org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**: aproximações teóricas e metodológicas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013.

SPINK, Mary Jane; FREZZA, Rose Mary. Práticas discursivas e produção de sentido: a perspectiva da psicologia social. In: SPINK, Mary Jane (org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**: aproximações teóricas e metodológicas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013. p. 1-21.

TOTH, Janderson; CHAGAS, Viktor. Monitorando memes em mídias sociais. In: SILVA, Tarcízio; STABILE, Max (Org.). **Monitoramento e pesquisa em mídias sociais**: metodologias, aplicações e inovações. São Paulo: Uva Limão, 2016.



Este é um ARTIGO publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.